

Brasil Para Amadeo, economia não se retrairá em 99

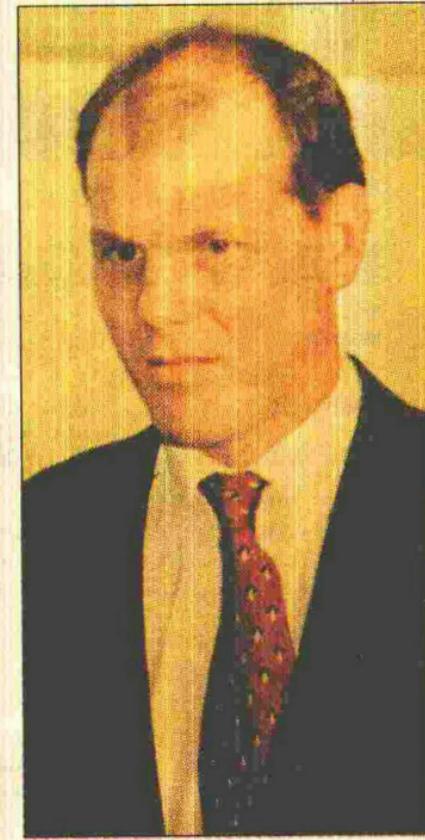
Felipe Barra

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro deve manter-se estável este ano, em vez de apresentar uma retração de 1%, como havia sido projetado na última revisão do acordo firmado com o Fundo Monetário Internacional (FMI). A opinião é do secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Edward Amadeo, que divulgou ontem o Boletim de Acompanhamento Macroeconômico do último mês de agosto. "Nós estamos muito mais próximos do crescimento zero, hoje, do que da retração de 1% do PIB", afirmou.

Essa possibilidade de não haver uma retração do PIB brasileiro, no mesmo ano da desvalorização do câmbio, foi considerada como um indicativo positivo por Amadeo em relação à recuperação da economia. Ele lembrou que em 1998 os países do sudeste asiático que desvalorizaram suas moedas registraram, em média, retração de 7,5% do PIB. O Boletim de Acompanhamento Macroeconômico divulgado por Amadeo trouxe uma análise das recuperações das exportações brasileiras após as desvalorizações registradas nos anos 1983, 87, 91 e 99. De acordo com o secretário, a análise destes períodos demonstra que sempre há uma recuperação das exportações, em um período médio de 2,5 a 3,5 trimestres após a desvalorização.

Isto significaria, para este ano, uma recuperação das exportações a partir do último trimestre do ano. Apesar de condicionar esta recuperação aos cenários internacionais, Amadeo entende que a perspectiva de recuperação é positiva. "O importante é que recuperação sempre há", afirmou.

De acordo com os dados do boletim divulgado pela Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda, o Brasil ainda é um país com um perfil



Amadeo: crescimento zero

de endividamento pequeno de sua população. Numa comparação entre a relação de crédito ao setor privado em proporção ao PIB do País, o volume de crédito contraído pela população brasileira é de apenas 28,5% do Produto Interno Bruto. Em países como os Estados Unidos, essa relação é de 71,5%, enquanto no Japão, a relação é de 116%. "As famílias e as empresas brasileiras são muito pouco motivadas a se endividarem ou alavancarem", afirmou o secretário.

Para Amadeo, três razões explicam esse baixo perfil de endividamento. Em primeiro lugar, a longa experiência brasileira de convivência com índices inflacionários altos, que inibem a oferta e demanda de crédito; em segundo, estariam os juros altos e em terceiro uma grande disparidade entre os juros básicos da economia (taxa Selic) definidos pelo Banco Central e os juros oferecidos à população. Amadeo insistiu, no entanto, que o Governo brasileiro vem tentando mudar esses três itens.

03 SET 1999

JORNAL DE BRASÍLIA